

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Motivos para Adotar: Fator de Risco ou Fator de Proteção?

Clara Rocha e Silva de Castro

M

2023



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**MOTIVOS PARA ADOTAR:
FATOR DE RISCO OU FATOR DE PROTEÇÃO?**

Clara Rocha e Silva de Castro

Junho 2023

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área de Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), sob orientação da Professora Doutora **Maria Barbosa Ducharne** (FPCEUP) e coorientação da Doutora **Joana Lara Soares** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o/a autor/a declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O/A autor/a declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Barbosa-Ducharne, por todo o conhecimento transmitido e por despertar o meu gosto por esta área! Obrigada por todas as palavras de incentivo e por todo o apoio!

À minha coorientadora, Doutora Joana Lara Soares, por toda a disponibilidade, paciência e apoio incansáveis ao longo deste percurso. Obrigada por acreditar em mim e por me incentivar a continuar!

À minha família, por me acompanhar e apoiar incondicionalmente em todas as etapas importantes da minha vida. Obrigada por estarem sempre comigo!

Ao Tiago, por toda a calma e paciência nos momentos mais difíceis. Obrigada por estares ao meu lado!

Aos meus amigos, em especial à Guida, Leonor e Rita, por todo o apoio e por ouvirem as minhas dúvidas e angústias. Obrigada por tornarem este percurso mais bonito!

Finalmente, a todas as famílias que participaram no AdoPt. Obrigada por tornarem este estudo possível!

Resumo

O presente estudo pretende explorar a relação entre os motivos para adotar, o stress parental e a instabilidade pós-adoção, no sentido de identificar os motivos que constituem um fator de proteção ou de risco para a adoção. Este estudo quantitativo contou com a participação de 109 figuras parentais (81 mães e 28 pais), que tinham adotado, em média, há 6.6 anos, 109 crianças/adolescentes. Os dados tratados fazem parte do T1 do projeto AdoPt – Follow-up em Pós-Adoção, no qual se insere este estudo, e foram recolhidos através da plataforma online *myAdoPt*. Os resultados permitiram identificar o desejo de dar uma família a uma criança e a impossibilidade de um filho biológico como motivos principais para adotar, verificando-se que os adotantes avaliaram, retrospectivamente, uma forte motivação para este projeto. Verificou-se que motivos como infertilidade são mais frequentes entre famílias biparentais, que adotam crianças mais novas, enquanto motivos altruístas são mais reportados por famílias monoparentais, com menor tempo de adoção. Verificou-se também que alguns motivos como desejo de ajudar criança com problemas e desejo de ter companhia se relacionam na pós-adoção com menor satisfação parental (subescala do stress parental) e maior instabilidade respetivamente. A satisfação parental surge como moderadora da relação entre alguns motivos (e.g., crenças religiosas) e a instabilidade na adoção, reforçando o papel de risco/proteção que alguns motivos podem ter na estabilidade da adoção, mostrando a sua relevância para o bem-estar/ajustamento das famílias adotivas, e contribuindo com nova informação para a investigação e prática em adoção.

Palavras-chave: motivação para adotar, stress parental, instabilidade, satisfação parental, fatores de proteção e de risco

Abstract

The present study aims to explore the association between motives to adopt, post-adoption instability and parental stress in order to identify motives that are a protective or a risk factor for adoption. One-hundred-nine adoptive parents (81 mothers and 28 fathers), who had adopted 109 children and adolescents for 6.6 years on average, participated in this quantitative study, which is part of a broader one – AdoPt – Follow-up in Post-Adoption. The present data, related to AdoPt Time 1, were collected through the *myAdoPt* online platform. The wish to provide a family to a child and the impossibility of procreating were the main motives to adopt reported by the participants who were highly motivated towards adoption. The impossibility of procreating was most frequent among two-parent families and families who adopted younger children, while single-parent families and families with less time since adoption placement reported more altruistic reasons. The wish to help a child with problems as a reason for adopting was related to lower parental satisfaction (parental stress subscale), and the desire for companionship was correlated to higher postadoption instability. Parental satisfaction moderated the relationship between motives (e.g., religious beliefs) and postadoption instability, reinforcing its risk/protective role on adoption stability and showing its relevance for the well-being and adjustment of adoptive families. This study brings new information to adoption research and practice.

Keywords: motivation for adoption, parental stress, instability, parental satisfaction, risk and protective factors

Motivos Para Adotar: Fator de Risco ou Fator de Proteção?

A adoção permite garantir a resposta a um direito fundamental da criança, que é o de integrar/crescer numa família, tendo, no geral, um impacto positivo, interventivo e recuperador na mesma (e.g., Palacios, Adroher et al., 2019; Soares et al., 2019). Além disso, é a resposta, dentro do sistema de promoção e proteção, que garante uma maior estabilidade, aspeto essencial ao bom desenvolvimento de qualquer criança (e.g., Brodzinsky et al., 2022). No entanto, em Portugal, em 2021, apenas 7.9% das crianças/adolescentes que estavam em acolhimento tinham a adoção como projeto de promoção e proteção (Instituto da Segurança Social, I.P, 2022). Ao mesmo tempo, a adoção permite que os pais adotivos concretizem a parentalidade, sendo motivada por diferentes aspetos e pautada por desafios específicos (Pinderhughes & Brodzinsky, 2019).

Neste sentido, as motivações para enveredar pelo projeto adotivo têm evoluído ao longo do tempo, acompanhando as mudanças sociais e as mudanças no próprio processo de adoção (Hokshergen, 1998; Pinderhughes & Brodzinsky, 2019). Os motivos para a formação deste tipo de família podem ser variados, dependendo das especificidades das famílias e da própria adoção (Malm & Welti, 2010). Esta heterogeneidade tem suscitado o interesse dos investigadores em adoção relativamente à importância das motivações, tendo os estudos nesta área aumentado significativamente nos últimos anos. De facto, as motivações podem surgir como fator de proteção ou fator de risco na adoção, podendo assumir um papel importante no contínuo de estabilidade-instabilidade da família adotiva (Palacios, Rolock et al., 2019).

Nesta linha, o objetivo geral deste estudo é explorar as motivações dos pais para adotar, numa abordagem quantitativa, visto que a maioria dos estudos se tem centrado em abordagens qualitativas para explorar este tema, e responder à lacuna identificada na literatura quanto à análise do impacto dos diferentes motivos no bem-estar das famílias (Pinderhughes & Brodzinsky, 2019; Soares et al., 2023; Sorek et al., 2020), estudando a relação entre as motivações e o stress parental que, por sua vez, tem sido identificado na literatura como um indicador de instabilidade (e.g., McGlone et al., 2002; Palacios, Rolock et al., 2019).

Motivações Para a Adoção

A investigação tem mostrado que as principais motivações para adotar remetem para as questões da infertilidade e do altruísmo (Malm & Welti, 2010). Relativamente à infertilidade, Hollingsworth (2000) realça que, em comparação com as mulheres que nunca realizaram tratamentos para a infertilidade, as mulheres sujeitas a esses tratamentos revelaram uma tendência cinco vezes superior para considerar a adoção como opção. Paralelamente, entre as pessoas que realizaram estes tratamentos, a adoção parece surgir, sobretudo, como alternativa ao stress causado pelos mesmos ou como última opção para ter filhos, quando a procriação medicamente assistida não funciona (Bell, 2019; Soares et al., 2023). Num estudo com famílias portuguesas, Soares et al. (2023) estenderam as motivações por questões biológicas além do diagnóstico de infertilidade, identificando motivações relacionadas com inviabilidade biológica (sem diagnóstico de infertilidade, casos, por exemplo, de esterilidade) e risco de saúde (a gravidez representa um risco de saúde para o próprio ou para o bebé que possa vir a nascer). Independentemente do motivo biológico, perante o fracasso de sucessivas tentativas em concretizar a filiação biológica, num processo de adoção, é essencial avaliar se o luto do filho biológico está bem resolvido nestas famílias, para assegurar a motivação, as expectativas realistas e o envolvimento no projeto adotivo (Goldberg et al., 2009; Soares et al., 2023).

Já no que diz respeito ao altruísmo, este prende-se com o desejo de fazer a diferença na vida de uma criança e de proporcionar um ambiente familiar estável e permanente para a mesma, contrariando a trajetória desenvolvimental de uma criança em situação de adotabilidade, pautada por experiências de negligência e trauma e, geralmente, por diversas transições que impõem instabilidade na vida e nas relações da criança (Gondim et al., 2008; Malm & Welti, 2010; Sorek et al., 2020; Tyebjee, 2003). Além disso, as motivações altruístas incluem dar amor e ajudar uma criança com problemas (Rhodes et al., 2006). Contudo, alguns pais com motivações altruístas podem criar expectativas irrealistas e esperar que a criança demonstre gratidão por ter sido adotada, o que, por sua vez, pode gerar conflitos e afetar a construção e a estabilidade do vínculo entre pais e filhos (Sampaio et al., 2020).

A exposição prévia à adoção também surge como um importante motivo para a adoção, associado à experiência pessoal de adoção, à experiência de adoção do parceiro/cônjuge ou ao conhecimento de casos de adoção na família, entre amigos ou na vizinhança (Malm & Welti, 2010; Sorek et al., 2020; Tyebjee, 2003). Paralelamente, a experiência profissional, nomeadamente o exercício de funções na área social, que

implicam a exposição a situações de risco para as crianças, também pode desencadear a motivação para adotar (Sorek et al., 2020).

As motivações religiosas e espirituais são também apontadas pela investigação, nomeadamente a obediência à vontade de Deus ou a crença de que foi Deus que conduziu as famílias à adoção (Firmin et al., 2017; Helder et al., 2020). Ao mesmo tempo, os pais mais religiosos parecem demonstrar motivações mais altruístas para adotar (Howell-Moroney, 2014; Sorek et al., 2020). Por um lado, a religião/crença em Deus parece ajudar os pais adotivos a lidar com os desafios da parentalidade, assim como a desenvolver estratégias de *coping* mais positivas, sobretudo quando adotam crianças com problemas de saúde mais graves ou outros problemas, constituindo um fator de proteção (Firmin et al., 2017; Helder et al., 2020). No entanto, quando os pais sentem que, graças à religião, deveriam conseguir resolver as situações mais difíceis, esta surge como um fator de risco, visto que exacerba as situações de fracasso e gera mal-estar, quando não o conseguem fazer (Mahoney et al., 2003).

Neste sentido, as motivações para adotar também podem ser organizadas em categorias, nomeadamente motivações centradas na criança e motivações centradas nos pais (e.g., Costa & Tasker, 2018; Soares et al., 2023). As motivações centradas na criança incluem o desejo de auxiliar uma criança em risco, proporcionar um ambiente familiar positivo e estável (Malm & Welti, 2010; Tyebjee et al., 2003), bem como o contacto com crianças do sistema de promoção e proteção ou conhecer a criança em questão (Soares et al., 2023). Assim, estão mais associadas às questões altruístas, anteriormente referidas. Já as motivações centradas nos pais (no próprio) remetem para razões como a infertilidade, o receio da solidão, o desejo de ter companhia, sobretudo na velhice, o desejo de ter alguém a quem deixar bens ou um negócio familiar, o desejo de substituir um filho biológico já falecido, o desejo de ter uma família maior, o desejo de escolher o sexo do próximo filho, a tentativa de preencher um vazio existencial ou até a esperança de salvar o casamento (Gondim et al., 2008; Howell-Moroney, 2014; Rhodes et al., 2006; Soares et al., 2023; Sorek et al., 2020; Tyebjee et al., 2003). Na perspetiva de que as motivações são dinâmicas e se relacionam entre si, Soares et al. (2023) identificaram uma terceira categoria, centrada, simultaneamente, na criança e nos próprios adultos, que se refere ao desejo do exercício da parentalidade. Os autores verificaram que esta motivação tanto se podia concentrar no desejo de ser pai como no desejo de ter um filho (Soares et al., 2023). O presente estudo focar-se-á nos motivos para adotar, que remetem para razões

específicas que levam os pais a adotar e que eventualmente poderão ser integradas nas categorias acima descritas.

Correlatos dos Motivos para Adotar

As motivações para adotar parecem ser influenciadas pelo tipo de família ou pelo tipo de adoção, apresentando particularidades quando se trata de casais do mesmo sexo, de adoção nacional ou internacional/transracial, de famílias monoparentais, de adoção de crianças mais velhas ou de crianças com problemas ou até de adoção de uma segunda criança.

Entre os casais com elementos do mesmo sexo, a investigação aponta o desconforto moral, inerente às alternativas médicas para ter filhos, e a desvalorização do laço genético, associado à filiação biológica, como motivos para adotar (e.g., Costa & Tasker, 2018; Goldberg et al., 2009; Jennings et al., 2014). Já no âmbito da adoção internacional, destacam-se as motivações altruístas, surgindo até a percepção de que as crianças estrangeiras têm mais necessidades e, por isso, precisam de mais apoio e de melhores condições (e.g., Goss, 2022; Khanna & Killian, 2015; Luyt & Swartz, 2023; Zhang & Lee, 2011). A investigação com amostras de adoção nacional é menos comum nesta área das motivações. Neste sentido, este estudo desenvolve-se com crianças adotadas nacionalmente.

Nas famílias monoparentais, os motivos para adotar remetem para o desejo de aumentar a família e de concretizar a parentalidade, independentemente do seu estado civil (Biasutti & Nascimento, 2021). Estas famílias parecem ter mais abertura para adotar crianças mais velhas e crianças com problemas (Díez et al., 2021). Importa referir que prevalecem as famílias monoparentais de sexo feminino, que, habitualmente, concretizam a parentalidade com uma idade mais avançada, em comparação com o que acontece nas famílias biparentais (Díez et al., 2021).

No caso das famílias biparentais, é essencial que os profissionais da adoção explorem e percebam as motivações para o projeto adotivo, considerando as hesitações e receios demonstrados pelas famílias e assegurando o envolvimento de ambos os elementos do casal. Nestes casos, o processo de avaliação das motivações é mais complexo, visto que implica conciliar as motivações individuais e as motivações do casal (Soares et al., 2023). Neste seguimento, os profissionais devem incentivar a reflexão e a comunicação entre os dois elementos, no sentido de antecipar e prevenir possíveis perdas

de motivação e de promover expectativas mais adequadas/ajustadas para o projeto adotivo (Soares et al., 2023).

No que diz respeito à adoção de crianças mais velhas, Sampaio et al. (2020) destacam o desejo de concretizar a parentalidade e de constituir uma família, o altruísmo, os problemas de saúde que dificultam a gravidez e o surgimento de novas configurações familiares, como as famílias monoparentais, como motivos que levam ao projeto adotivo de uma criança mais velha. Além disso, as experiências prévias com recém-nascidos e os mitos relacionados com bebés podem levar à opção pela adoção de crianças mais velhas (Sampaio et al., 2020). Considerando o universo de crianças com medida de adotabilidade em Portugal, no ano de 2021, em que 64% têm idades superiores a seis anos (Instituto da Segurança Social, I.P, 2022), o estudo da relação entre as motivações e a idade de adoção da criança assume uma maior importância.

Relativamente à adoção de crianças com problemas, destaca-se um estudo de Deiner et al. (1988) que explorou as motivações e as características das famílias que adotam crianças com necessidades especiais, destacando razões como a existência de uma ligação emocional com a criança, o desejo de proporcionar estabilidade e segurança, a vontade de dar amor e, ainda, de dar uma família e um lar a uma criança (Deiner et al., 1988).

Quando as famílias já adotaram uma criança e pretendem enveredar novamente pelo projeto adotivo, parecem ser motivadas pelo desejo de ter uma família numerosa, pela vontade de dar um irmão ao filho, ou pela possibilidade de adotar o irmão biológico da criança adotada (Frost & Goldberg, 2020). Paralelamente, revelam maiores restrições no perfil de criança que pretendem adotar, ajustando-o às características do primeiro filho, e maior conforto e menor stress ao longo do tempo de espera e de todo o processo (Frost & Goldberg, 2020). Ao nível do tipo de relação fraterna na família adotiva, as famílias com filhos biológicos e filhos adotivos podem apresentar mais disfuncionalidade nas interações pais-filhos, do que as famílias só com filhos biológicos ou só com filhos adotados, devido a aspetos como as necessidades distintas das crianças e a necessidade de ajustamento das expectativas e das práticas parentais (Santos-Nunes et al., 2018).

Relações Entre Motivos Para Adotar e Stress Parental

A investigação tem demonstrado que as diferentes motivações se relacionam com outras variáveis do funcionamento familiar (e.g., abertura da comunicação sobre a adoção

[Sorek et al., 2020] ou práticas educativas utilizadas pelos pais adotivos [Helder et al., 2020]), podendo constituir-se fator de risco ou proteção, influenciar a estabilidade/instabilidade na adoção e, em última instância, contribuir para a rutura do processo adotivo (Palacios, Rolock et al., 2019). De acordo com Palacios, Rolock et al. (2019), as motivações centradas nos pais parecem constituir um fator de risco para a disrupção/rutura na adoção. Neste sentido, de forma a perceber quais os motivos que podem constituir um fator favorável ou desfavorável para o projeto adotivo, o presente estudo pretende explorar a relação dos mesmos com a estabilidade-instabilidade no pós-adoção.

Ao mesmo tempo, o funcionamento familiar pode ser influenciado pelo stress parental dos pais adotivos, sendo este resultado da interação entre as características das crianças, dos pais, da relação estabelecida entre ambos e de fatores externos, como, por exemplo, o apoio social (Costa et al., 2020; Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006). Desta forma, parece pertinente explorar a relação entre os motivos para adotar e o stress parental, constituindo duas dimensões com impacto no ajustamento familiar e na estabilidade das relações estabelecidas entre pais e filhos, bem como na estabilidade/instabilidade da própria adoção. Assim, a relação entre estas três variáveis – motivos, stress parental e instabilidade pós-adoção - será explorada neste estudo.

No âmbito da infertilidade, apontada como um dos principais motivos para a adoção, alguma investigação tem demonstrado que os pais que passaram por tratamentos de fertilidade parecem revelar menos stress, assim como menos ansiedade, mais paciência e resiliência e maior capacidade para lidar com os conflitos (Foli et al., 2017; Malm & Welti, 2010). De facto, para alguns destes pais, a adoção é encarada como a cura para a tristeza e a perda associadas à infertilidade (Feast, 2010).

Em contrapartida, Wang et al. (2021) concluem que pais inférteis podem revelar mais stress parental. Estes autores realizaram um estudo com 333 participantes (díades compostas por mães e pais), que pretendia explorar a relação entre as questões de infertilidade e a perceção de stress parental, ao nível de preocupações diárias, durante os primeiros sete anos de parentalidade adotiva. Os resultados indicaram que as mães inférteis revelaram maior stress, durante o período entre os nove meses e os seis anos de idade da criança (Wang et al., 2021). O mesmo resultado não se verificou em relação aos pais da amostra (Wang et al., 2021). Schmidt (2010) defende que o impacto da infertilidade nas mulheres é superior, reportando estas maiores níveis de stress, ansiedade e sintomas depressivos. Os resultados de Wang et al. (2021) reforçam que é fundamental

que o luto da filiação biológica esteja bem resolvido, já que os problemas de infertilidade têm impacto a longo prazo e podem reaparecer ao longo do tempo, podendo surgir desafios na parentalidade, como reativar as suas perdas ao falar sobre as perdas da criança e receios de que os pais biológicos queiram os filhos de volta, que afetam a abertura da comunicação e a construção da identidade da criança (Hendry & Netherwood, 2010). Portanto, no que diz respeito à relação entre a motivação para a adoção relacionada com problemas de fertilidade e o stress parental, a evidência científica existente parece contraditória. O presente estudo ajudará a contribuir para esta evidência, explorando também a relação entre este motivo e o stress em pais adotivos.

No âmbito das motivações religiosas, Helder et al. (2020) conduziram um estudo que pretendia explorar a relação entre este tipo de motivação e o ajustamento familiar, nomeadamente ao nível do stress parental. No entanto, através dos resultados obtidos, junto de 44 figuras parentais, os autores não conseguiram demonstrar que estas motivações têm impacto/são preditores no stress parental (Helder et al., 2020). Note-se que Belanger et al. (2008) já tinham demonstrado que maiores níveis de religiosidade levavam a níveis de stress mais baixos nos pais adotivos. A relação entre este tipo de motivos e o stress será igualmente explorada no presente estudo.

Desconhecem-se mais estudos que tenham desenvolvido esta relação entre motivos que levam à adoção e stress parental. Assim, de forma a produzir mais evidência científica nesta área, este estudo pretende explorar a relação entre outros motivos para adotar e a perceção dos pais adotivos de stress parental. Considerando que o stress pode constituir um indicador de instabilidade na adoção (e.g., McGlone et al., 2002; Palacios, Rolock et al., 2019), as relações entre estas dimensões e os motivos para adotar serão exploradas, no sentido de aferir quais os motivos que constituem um fator de proteção ou um fator de risco à estabilidade ou instabilidade em adoção.

Presente Estudo

O presente estudo é um estudo quantitativo, cujo objetivo global é explorar a relação entre diferentes motivos para a adoção e o stress parental, em famílias em pós-adoção, procurando identificar que motivos para adotar se constituem fator de proteção ou fator de risco no âmbito do projeto adotivo, estudando também a relação destas duas variáveis com o índice de estabilidade-instabilidade em pós-adoção (Henrique, 2022).

Neste sentido, o primeiro objetivo específico do estudo pretende explorar os principais motivos para a adoção apresentados pelas famílias. O segundo objetivo específico é explorar a intensidade da motivação para a adoção, da figura parental respondente, e a sua perceção da intensidade da motivação do cônjuge (quando tal se aplique). O terceiro objetivo específico remete para a exploração das relações entre os diferentes motivos, bem como a relação dos motivos com outras variáveis de caracterização dos pais, da criança e da estrutura familiar (e.g., idade, sexo, tipo de família, tipo de relações fraternas na família adotiva), de forma a identificar correlatos de cada motivo.

Finalmente, o quarto objetivo específico pretende explorar a relação entre os motivos para adotar, a perceção de stress parental e a instabilidade em pós-adoção, com o intuito de identificar quais os motivos que constituem, de facto, um fator de proteção ou um fator de risco para a adoção. Para explorar os fatores de risco e de proteção, também serão exploradas relações de mediação (efeitos diretos e indiretos) e moderação (interação) entre as três variáveis (quinto objetivo do estudo).

Método

Participantes

O presente estudo contou com a participação de 109 figuras parentais adotivas, que incluíam 81 mães (74.3%) e 28 pais (25.7%), com idades compreendidas entre os 35 e os 59 anos de idade ($M = 47.48$, $DP = 4.84$). No momento da adoção, os pais tinham idades compreendidas entre os 26 e os 52 anos ($M = 40.84$, $DP = 4.77$). No que diz respeito às suas habilitações literárias, 86 participantes (78.9%) tinham ensino superior (bacharelato: $n = 1$, 0.9%; licenciatura: $n = 54$, 49.5%; mestrado: $n = 16$, 14.7%; e doutoramento: $n = 15$, 13.8%), 22 participantes concluíram o ensino secundário (20.2%) e um participante concluiu o 3º ciclo do ensino básico (0.9%). Ao nível da situação profissional, a maioria dos participantes ($n = 103$, 94.5%) encontrava-se ativa/empregada, sendo que apenas um participante estava desempregado (0.9%) e cinco não trabalhavam por opção (4.6%). Relativamente ao rendimento bruto atual do agregado familiar, nove (8.3%) participantes apresentavam rendimentos de 700-1400€/mês, 22 (20.2%) de 1400-2100€/mês, 30 (27.5%) de 2100-3500€/mês, 25 (22.9%) de 3500-4900€/mês e 14 (12.8%) de 4900-6300€/mês; sete (6.4%) participantes apresentavam rendimentos

superiores a 6300 €/mês. Cerca de metade dos participantes residia nos centros urbanos de Lisboa e Porto ($n = 54$, 49.5%), embora se trate de uma amostra nacional, com participantes de Portugal continental, Açores e Madeira.

Estas 109 figuras parentais tinham adotado 109 crianças/adolescentes, 59 (54.1%) do sexo masculino e 50 (45.9%) do sexo feminino, apresentando estes uma idade média de 11 anos ($M = 11.03$, $DP = 4.49$, $Min. = 2.50$, $Máx. = 19.50$) no momento da recolha de dados. Ao nível da escolaridade, cinco (4.6%) crianças integravam a creche, 19 (17.4%) frequentavam o jardim infantil, 22 (20.2%) frequentavam o 1º Ciclo, 18 (16.5%) frequentavam o 2º ciclo, 26 (23.9%) frequentavam o 3º Ciclo e 18 (16.5%) frequentavam o ensino secundário. Uma (0.9%) das crianças/adolescentes não integrava qualquer estabelecimento de ensino no momento da recolha de dados.

As crianças/adolescentes adotadas foram separadas da família biológica com cerca de dois anos de idade ($M = 1.94$, $DP = 2.43$, $Min. = 0.00$ [31 (28.4%) crianças não tiveram experiência com a família biológica], $Máx. = 13.00$), a maioria por vivência de experiências de negligência ($n = 74$, 67.9%). Antes de serem adotadas, 106 (97.2%) crianças estavam em acolhimento institucional e apenas três (2.8%) integravam uma família de acolhimento, tendo passado, no total, em média, quase três anos em acolhimento ($M = 2.44$, $DP = 1.74$, $Min. = 0.08$, $Máx. = 8.67$). No momento da adoção, as crianças tinham, em média, mais de quatro anos de idade ($M = 4.39$, $DP = 3.22$, $Min. = 0.33$, $Máx. = 18.00$). No que diz respeito ao tempo de adoção, as crianças/adolescentes estavam com a família, em média, há mais de seis anos ($M = 6.64$, $DP = 3.45$, $Min. = 0.50$, $Máx. = 16.08$).

Relativamente à estrutura familiar, 22 (20.2%) participantes integravam uma família monoparental e 87 (79.8%) uma família biparental. Menos de metade dos participantes tinham um filho único (criança adotada; $n = 49$, 45.0%) e 60 (55.0%) figuras parentais eram pais de fratrias. Estas fratrias podiam ser de diferentes tipos: 25 (22.9%) eram irmãos biológicos; 23 (21.1%) passaram a ser irmãos por adoção, existindo já um filho biológico na família; sete (6.4%) eram irmãos por adoção, isto é, diferentes crianças adotadas, sem ligação prévia; e cinco (4.6%) eram fratrias mistas, constituídas por irmãos biológicos e irmãos por adoção, simultaneamente.

Instrumentos/Medidas

Checklist de Motivos para Adotar (Soares et al., 2021)

Este instrumento resulta de uma adaptação do *Reasons for Fostering Checklist* (RFC; LeProhn, 1993, Rhodes et al., 2006) realizada por Soares et al. (2021) para explorar os motivos/razões para adotar. A adaptação é composta por 20 itens, sendo que cada um deles corresponde a um possível motivo/razão para adotar (e.g., “Eu, e/ou o meu/minha companheiro(a), não conseguia(mos) ter filhos biológicos”; “Eu queria dar amor a uma criança”; “O(a) meu/minha companheiro(a) queria adotar e eu concordei”). Estes itens foram avaliados numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1 = *Totalmente falso para mim*; 5 = *Totalmente verdadeiro para mim*). O instrumento é ainda constituído por três itens adicionais: o item 21, que corresponde a uma pergunta aberta - “Das afirmações listadas acima, qual foi a principal razão que o(a) levou a tomar a decisão de adotar? Por favor, indique a sua principal razão/motivo”; e dois itens, avaliados numa escala de 10 pontos, que exploram a intensidade da motivação para adotar, do próprio respondente e do seu cônjuge (na perceção do respondente, quando aplicável; e.g., “De 1 a 10 quanto motivada(o) estava o seu cônjuge para adotar?”).

Escala de Stress Parental (Barbosa-Ducharne & Soares, 2021a)

Para avaliar os sentimentos e perceções acerca da experiência parental, foi utilizada a “Escala de Stress Parental” (*Parental Stress Scale*), desenvolvida por Berry & Jones (1995). O instrumento foi traduzido para a língua portuguesa por Mixão et al. (2010), tendo sido adaptado, no âmbito da adoção, por Barbosa-Ducharne e Soares (2021a). Este instrumento é constituído por 18 itens (e.g., “Estou contente com o meu papel de pai/mãe da minha filha/o”; “Ter um/uma filho/a dá-me uma perspetiva mais otimista do futuro”; “Acho o/a meu/minha filho/a adorável”), avaliados numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1 = *Discordo totalmente* a 5 = *Concordo totalmente*). A soma da pontuação dos itens, que pode situar-se entre 18 e 90, indica o nível total de stress. Para o cálculo do Stress Total alguns itens foram recodificados (invertidos), de forma que uma pontuação mais alta significasse um maior nível de stress parental. Neste estudo, e de forma a simplificar a interpretação dos resultados, foi usado o valor médio da pontuação total dos itens, e não o somatório. De acordo com o estudo de Algarvio et al. (2018), os itens podem ser agrupados numa estrutura de quatro fatores: Stressores Parentais (5 itens), Satisfação Parental (4 itens), Falta de Controlo (3 itens) e Medos e Ansiedades (2 itens). Neste estudo (Algarvio et al., 2018) foram excluídos quatro itens, visto que apresentam uma ideia geral da parentalidade, não discriminando a experiência subjetiva de cada

figura parental, e, ao mesmo tempo, para evitar o enviesamento por desejabilidade social. Esta estrutura fatorial foi aplicada ao presente estudo.

No presente estudo, a Escala de Stress Parental apresentou uma boa consistência interna ($\alpha = .90$), assim como as diferentes subescalas: Stressores Parentais ($\alpha = .83$), Satisfação Parental ($\alpha = .89$) e Falta de Controlo ($\alpha = .70$); a subescala Medos e Ansiedades apresentou uma consistência interna mais baixa ($\alpha = .57$), devendo considerar-se o facto de ser apenas constituída por dois itens.

Instabilidade em Pós-Adoção (Henrique, 2022)

De forma a avaliar a instabilidade pós-adoção, foi utilizada uma variável computada (Henrique, 2022) a partir de duas escalas utilizadas no T1 do Projeto AdoPt (projeto a que pertence este estudo), a saber: “Questionário de Tensão do Adotante” (Barbosa-Ducharne & Soares, 2021b) e “Questionário de Compromisso do Adotante” (Soares & Barbosa-Ducharne, 2021). Esta medida de instabilidade revela uma excelente consistência interna ($\alpha = .96$).

Questionário Sociodemográfico (Projeto AdoPt, 2021)

Este instrumento permitiu recolher informação como a idade e o sexo das figuras parentais e das crianças e adolescentes do presente estudo, bem como informação sobre a escolaridade/habilitações literárias, a situação profissional dos pais, o rendimento bruto atual da família e a estrutura familiar, nomeadamente o tipo de família (monoparental ou biparental; filho único ou fratria). Esta informação foi recolhida junto dos pais participantes.

Questionário sobre Experiências e Contextos do Passado da Criança (Barbosa-Ducharne & Soares, 2021c)

Deste questionário foram usadas, neste estudo, medidas como: experiências de adversidade vividas na família biológica, tempo em acolhimento, idade de adoção e tempo de adoção. Estas informações foram recolhidas junto dos pais.

Procedimentos

O presente estudo integra o projeto de investigação “AdoPt - Follow-up em Pós-Adoção: Capacidades, dificuldades e necessidades de famílias adotivas portuguesas”, que

está a ser desenvolvido na FPCEUP, em parceria com o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Este projeto tem como objetivo global acompanhar as famílias em pós-adoção e identificar as suas potencialidades, necessidades e dificuldades. O projeto AdoPt foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT; PTDC/SOC-ASO/4158/2020) e foi aprovado pela Comissão de Ética da FPCEUP (Ref. 2021/04-06), sendo acompanhado pela Unidade de Proteção de Dados da Universidade do Porto, de forma a garantir o Regime Geral de Proteção de Dados (RGPD). Tem ainda a colaboração do Instituto de Segurança Social - I.P., Instituto de Segurança Social dos Açores, Instituto da Segurança Social da Região Autónoma da Madeira e Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, parcerias que garantem parte do recrutamento da amostra, bem como a formação dos profissionais de adoção, no âmbito dos objetivos do projeto AdoPt.

Seleção da Amostra e Recolha de Dados

A amostra do presente estudo faz parte da amostra do primeiro momento de recolha de dados (T1) do projeto AdoPt. O projeto AdoPt é aberto a todas as famílias que tenham filhos adotados com idades entre os 2 e os 19 anos. A divulgação do projeto/recrutamento das famílias foi feita através dos serviços de adoção, redes sociais, reportagens jornalísticas e televisivas, entre outros meios de divulgação. Posteriormente, as famílias interessadas em participar no projeto, receberam um link para aceder à plataforma, bem como um código de acesso, pessoal e intransmissível, para se registarem na mesma. Durante o registo, a família tem acesso à informação sobre o projeto e ao consentimento informado; após o registo, tem acesso ao questionário relativo ao T1, bem como a todas as mais-valias da plataforma.

A recolha de dados ocorre a partir da plataforma online *myAdoPt* (<https://www.myadopt.pt/>), desenvolvida pela *Microsoft Dynamics 365*. O protocolo de recolha de dados do T1 está dividido em três partes, permitindo que os participantes possam interromper o seu preenchimento. Os instrumentos usados neste estudo encontram-se nas primeira e segunda partes do protocolo do T1.

Análise de Dados

Os dados foram analisados através do programa de *software* IBM SPSS (versão 29). O processo de análise iniciou-se com a exploração prévia dos dados, tendo sido estudada a normalidade univariada das variáveis em estudo, através dos valores de

assimetria e curtose (Kline, 2011). Os valores obtidos permitiram identificar uma distribuição não-normal em alguns itens dos motivos para adotar, procedendo-se à posterior utilização de testes não-paramétricos (devidamente identificados ao longo da descrição dos resultados).

Posteriormente, procedeu-se a uma análise descritiva univariada, através de medidas de tendência central e dispersão, que permitiu caracterizar a amostra, os motivos para adotar e a intensidade da motivação, dando resposta ao primeiro e segundo objetivos do presente estudo. De seguida, para cumprir o terceiro objetivo, foram realizadas correlações bivariadas de *Pearson*, assim como correlações bivariadas de *Spearman*, entre os diferentes motivos, no sentido de explorar as relações entre eles, bem como para explorar as relações entre os motivos e as variáveis de caracterização dos pais e da criança (idade da criança e dos pais no momento da adoção e no momento atual) e da família (tempo de adoção), identificando assim correlatos. As diferenças de médias entre os diferentes motivos em função do sexo da criança e dos pais e da estrutura familiar (tipo de família, família com filhos únicos ou fratrias e tipo de fratria) foram exploradas através de testes *t* de *Student* para amostras independentes e ANOVA unifatorial, bem como com recurso ao teste de *Mann-Whitney* e teste de *Kruskal-Wallis*, como opções não-paramétricas.

Para dar resposta ao quarto objetivo do estudo, ou seja, analisar a relação entre as motivações, o stress parental e a instabilidade pós-adoção, foram realizadas correlações bivariadas de *Pearson* e correlações bivariadas de *Spearman*. Perante as correlações obtidas, recorreu-se à macro PROCESS para SPSS (Hayes, 2013) para dar resposta ao quinto objetivo do estudo e estudar o tipo de relação existente entre as três variáveis, explorando relações de mediação e moderação. Em primeiro lugar, foi realizado o procedimento estatístico da mediação, utilizando o Modelo 4, para analisar se a relação entre cada motivo para adotar (variável independente) e a instabilidade pós-adoção (variável dependente) era mediada pelo stress, ou seja, se havia um efeito indireto. Posteriormente, foram testadas moderações (stress como moderador da relação entre motivo para adotar e instabilidade na adoção) e efeitos condicionais, para calcular a relação entre todas as variáveis, estimar o modelo de regressão de mínimos quadrados mais adequados, determinar a interação e fornecer os efeitos condicionais. Mais concretamente, foi utilizado o Modelo 1 (moderações simples). Cada análise (foram exploradas análises para cada motivo, usando como variável moderadora as diferentes subescalas do stress) utilizou uma abordagem com 5.000 reamostras e a significância

estatística foi avaliada com intervalos de confiança a 95%. Os coeficientes de regressão não estandardizados foram reportados.

Resultados

A descrição dos resultados obtidos nesta dissertação encontra-se organizada em quatro partes. Na primeira parte serão explorados os motivos reportados com mais frequência pelos participantes, bem como a intensidade da motivação e as relações estabelecidas entre os diferentes motivos (objetivos 1, 2 e 3). Na segunda parte, serão analisadas as correlações estabelecidas entre os motivos para adotar e algumas variáveis de caracterização das figuras parentais, das crianças/adolescentes e da estrutura familiar (objetivo 3). A terceira parte remete para a exploração das relações entre os motivos para adotar, o stress parental e a instabilidade no pós-adoção (objetivo 4). Na quarta parte serão exploradas as mediações e moderações entre as três variáveis (objetivo 5).

Motivos Para a Adoção

A análise descritiva dos itens do instrumento “Checklist de Motivos para Adotar” permitiu identificar as principais razões para a adoção, reportadas pelas figuras parentais participantes. A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas dos diferentes motivos. Os resultados revelaram que os motivos mais frequentemente reportados pelos participantes, ou seja, as pontuações médias mais altas foram obtidas em relação ao item “Eu queria dar amor a uma criança” ($M = 4.73$, $DP = 0.75$, $Min. = 1$, $Máx. = 5$) e ao item “Eu queria dar uma família e um lar a uma criança” ($M = 4.53$, $DP = 0.96$, $Min. = 1$, $Máx. = 5$), correspondendo a motivações de tipo altruísta. Por oposição, o item “Eu achei que um filho podia ajudar o meu casamento” ($M = 1.06$, $DP = 0.33$, $Min. = 1$, $Máx. = 3$) e o item “Eu também fui adotada(o)” ($M = 1.04$, $DP = 0.27$, $Min. = 1$, $Máx. = 3$) apresentaram as médias mais baixas, revelando-se motivos menos frequentes entre os participantes deste estudo.

Quando questionados sobre o principal motivo para adotar, aquele que registou maior frequência foi também “Eu queria dar uma família e um lar a uma criança” ($n = 24$, 22%), seguido do motivo relacionado com a impossibilidade biológica “Eu, e/ou o meu/minha companheiro(a), não conseguia(mos) ter filhos biológicos” ($n = 23$, 21.1%). Nove participantes selecionaram mais do que um motivo (8.3%).

Importa referir que, relativamente aos dois itens sobre a intensidade da motivação, as figuras parentais do estudo estavam altamente motivadas para adotar ($M = 9.52$, $DP = 1.27$, $Min. = 2$, $Máx. = 10$), assim como percecionavam os seus cônjuges (quando aplicável) como altamente motivados ($n = 84$, $M = 9.20$, $DP = 1.34$, $Min. = 5$, $Máx. = 10$).

Na Tabela 1 também estão descritas as correlações bivariadas entre os diferentes motivos. Relativamente às correlações mais altas, verificou-se que os motivos “infertilidade” e “não conseguir ter filhos biológicos” correlacionaram-se positiva e significativamente ($r = .67$, $p < .001$), enquanto “não conseguir ter filhos biológicos” e “ser solteiro” apresentaram uma correlação negativa e significativa ($r_s = -.55$, $p < .001$). Além disso, verificou-se que os motivos “escolher as características do filho” e “ajudar o meu casamento” correlacionaram-se positiva e significativamente ($r_s = .56$, $p < .001$), assim como os motivos “para ajudar o meu casamento” e “também fui adotado” ($r_s = .81$, $p < .001$). Por sua vez, “também fui adotado” apresentou uma correlação positiva e significativa com “fui uma criança maltratada e/ou negligenciada” ($r_s = .64$, $p < .001$).

Motivos Para Adotar: Correlatos

A Tabela 2 apresenta as correlações entre os motivos para adotar e algumas variáveis de caracterização da criança e dos pais. Além disso, foram calculadas as diferenças de médias nos motivos, em função do sexo da criança (não foram observadas diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos motivos em função do sexo da criança adotada), do sexo dos pais e da estrutura familiar. Com base nos resultados obtidos, procurou-se caracterizar um perfil de correlatos para cada uma das motivações estudadas.

No que diz respeito a “Eu, e/ou o meu/minha companheiro(a), não conseguia(mos) ter filhos biológicos”, verificou-se que esta motivação foi significativamente mais referenciada pelos pais ($M = 4.11$, $DP = 1.55$) do que pelas mães ($M = 3.09$, $DP = 1.79$), $t(107) = 2.89$, $p = .006$, $d = 0.59$, IC a 95% [0.31, 1.73]. Além disso, estava menos presente nas famílias monoparentais ($M = 1.59$, $DP = 1.18$), em comparação com as famílias biparentais ($M = 3.79$, $DP = 1.63$), $t(107) = -7.18$, $p < .001$, $d = -1.42$, IC a 95% [-2.82, -1.58]. Ainda no âmbito desta motivação, observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre grupos ao nível do tipo de fratria, $F(2,52) = 8.99$, $p < .001$, $\eta^2 = .26$, verificando-se que estava mais presente em famílias que tinham adotado irmãos biológicos ($M = 4.36$, $DP = 1.15$), em comparação com famílias com irmãos por adoção

(filho biológico na família; $M = 2.52$, $DP = 1.73$). Relativamente a “Eu e/ou o meu/minha companheiro(a) tinha(mos) um diagnóstico de infertilidade”, verificou-se que quanto mais presente esta motivação, menor a idade dos pais no momento da adoção ($r = -.28$, $p = .004$), menor a idade da criança no momento da adoção ($r = -.28$, $p = .003$) e maior o tempo de adoção ($r = .19$, $p = .046$). Além disso, verificou-se que esta motivação estava menos presente nas famílias monoparentais ($M = 1.41$, $DP = 0.96$), comparativamente às famílias biparentais ($M = 2.78$, $DP = 1.71$), $t(107) = -5.00$, $p < .001$, $d = -0.86$, IC a 95% [-1.92, -0.82].

O motivo “Era solteira(o) e queria ter um filho” estava mais presente nas mães ($Mdn = 58.80$) do que nos pais ($Mdn = 44.00$), ($U = 826.00$, $p = .002$). Do mesmo modo, estava mais presente nas famílias monoparentais ($Mdn = 87.36$), em comparação com as famílias biparentais ($Mdn = 46.82$), ($U = 245.00$, $p < .001$), assim como nas famílias de filhos únicos ($Mdn = 64.39$), comparativamente às famílias com fratrias ($Mdn = 47.33$), ($U = 1010.00$, $p < .001$). Ao nível de “Porque através da adoção eu achei que podia escolher as características do meu filho (por exemplo, idade, sexo)”, verificou-se que quanto mais presente este motivo, maior a idade atual dos pais ($r_s = .20$, $p = .034$). Paralelamente, estava mais presente nas famílias monoparentais ($Mdn = 63.16$), do que nas famílias biparentais ($Mdn = 52.94$), ($U = 777.50$, $p = .005$), e nas famílias de filhos únicos ($Mdn = 59.45$), em comparação com as famílias com fratrias ($Mdn = 51.37$), ($U = 1252.00$, $p = .005$). No que diz respeito ao motivo “Eu queria um filho para me fazer companhia”, este estava mais presente nas famílias de filhos únicos ($Mdn = 58.32$), comparativamente às famílias com fratrias ($Mdn = 52.29$), ($U = 1307.50$, $p = .038$).

Quanto a “Eu queria uma família maior”, os resultados indicaram que este motivo estava menos presente nas famílias monoparentais ($M = 2.14$, $DP = 1.52$) comparativamente às famílias biparentais ($M = 3.09$, $DP = 1.69$), $t(107) = -2.42$, $p = .017$, $d = -0.58$, IC a 95% [-1.74, -0.17]. Além disso, observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre grupos, no que diz respeito ao tipo de fratria $F(2,52) = 5.14$, $p = .009$, $\eta^2 = .17$, verificando-se que este motivo estava menos presente nas famílias que adotaram irmãos biológicos ($M = 2.20$, $DP = 1.61$) do que nas famílias com irmãos constituídos pela via da adoção (diferentes crianças adotadas sem ligação prévia; $M = 4.14$, $DP = 1.46$).

Os resultados obtidos com “Eu queria dar uma família e um lar a uma criança”, sugerem que quanto mais presente este motivo, menor o tempo de adoção ($r = -.26$, $p = .007$). Além disso, verificou-se que este motivo estava mais presente nas famílias

monoparentais ($M = 4.77$, $DP = 0.43$) comparativamente às famílias biparentais ($M = 4.47$, $DP = 1.04$), $t(107) = 2.09$, $p = .040$, $d = 0.32$, IC a 95% [0.01, 0.59]. Já quanto mais presente o motivo “Eu queria ajudar uma criança com problemas”, maior a idade da criança no momento da adoção ($r = .21$, $p = .028$).

O motivo “Eu tive um(a) filho(a) que morreu” estava menos presente nos pais ($M = 1.00$, $DP = 0.00$) do que nas mães ($M = 1.28$, $DP = 0.84$), $t(107) = -3.04$, $p = .003$, $d = -0.39$, IC a 95% [-0.47, -0.10]. No que diz respeito a “Adotar uma criança corresponde às minhas crenças religiosas”, este motivo estava menos presente nos pais ($M = 1.21$, $DP = 0.63$) do que nas mães ($M = 1.63$, $DP = 1.16$), $t(107) = -2.37$, $p = .020$, $d = -0.40$, IC a 95% [-0.76, -0.07]. Além disso, quanto mais presente o motivo “O(a) meu/minha companheiro(a) queria adotar e eu concordei”, maior a idade dos pais no momento da adoção ($r = .22$, $p = .019$), assim como no momento atual ($r = .23$, $p = .019$). Este motivo estava mais presente nos pais ($M = 3.07$, $DP = 1.74$), comparativamente com as mães ($M = 1.48$, $DP = 1.00$), $t(107) = 4.58$, $p < .001$, $d = 1.29$, IC a 95% [0.88, 2.30].

No que concerne aos motivos “Existiam problemas de saúde física que constituíam risco à filiação biológica (risco genético para o bebê ou risco para a saúde da mãe)”, “Eu achei que um filho podia ajudar o meu casamento”, “Eu queria que o meu/minha filho(a) tivesse uma companhia”, “Eu queria dar amor a uma criança”, “Eu queria ser amado(a) por uma criança”, “Eu queria uma criança a quem deixar os bens da família”, “Eu conhecia/tinha uma ligação emocional a uma criança, que estava em acolhimento, e quis ajudá-la”, “Eu também fui adotada(o)” e “Eu fui uma criança maltratada e/ou negligenciada”, não foram identificados correlatos estatisticamente significativos.

Relativamente à intensidade da motivação, os resultados indicaram que quanto mais motivados se sintam os respondentes, menor a idade atual da criança ($r = -.22$, $p = .020$) e menor o tempo de adoção ($r = -.19$, $p = .047$). Esta intensidade foi inferior nos pais ($M = 8.71$, $DP = 2.16$), comparativamente com as mães ($M = 9.80$, $DP = 0.53$), $t(107) = -2.64$, $p = .013$, $d = -0.92$, IC a 95% [-1.93, -0.24]. No que diz respeito à percepção dos participantes sobre a intensidade da motivação do seu cônjuge para adotar, verificou-se que quanto mais alta era esta intensidade, maior a idade atual dos pais ($r = .27$, $p = .015$) e maior a idade atual da criança ($r = .26$, $p = .017$). Além disso, esta intensidade foi superior nos pais ($M = 9.62$, $DP = 0.70$), do que nas mães ($M = 9.02$, $DP = 1.52$), $t(82) = 2.48$, $p = .015$, $d = 0.45$, IC a 95% [0.12, 1.08].

Motivos Para Adotar, Stress Parental e Instabilidade pós-adoção: Relações

Na Tabela 3 estão descritas as correlações entre os motivos para adotar, o stress parental e a instabilidade pós-adoção. Através da análise dos resultados, verificou-se que o motivo “Eu queria que o meu filho tivesse uma companhia” e a Satisfação Parental apresentaram uma correlação negativa e significativa ($r = -.20, p = .037$). Desta forma, quanto mais presente este motivo, menor a satisfação parental. De forma semelhante, quanto mais presente o motivo “Eu queria ajudar uma criança com problemas”, menor a satisfação parental ($r = -.23, p = .014$). Relativamente ao motivo “O(a) meu/minha companheiro(a) queria adotar e eu concordei”, este também se correlacionou negativa e significativamente com a Satisfação Parental ($r = -.19, p = .049$). Por oposição, verificou-se que o motivo “Eu queria ser amado por uma criança” e a Satisfação Parental se correlacionaram positiva e significativamente ($r = .20, p = .034$). Assim, quanto mais presente este motivo, maior a satisfação parental.

Os motivos “Eu queria dar amor a uma criança” e “Eu queria dar família e lar a uma criança” correlacionaram-se positiva e significativamente com os Medos e Ansiedades ($r = .20, p = .034$) e ($r = .28, p = .003$), respetivamente. Neste sentido, quanto mais presentes estes motivos, maiores os medos e ansiedades.

No que diz respeito aos Stressores Parentais, à Falta de Controlo e ao Stress Total, não se observaram correlações significativas com os motivos para adotar. No entanto, verificou-se que os Stressores Parentais ($r = .69, p < .001$), a Falta de Controlo ($r = .65, p < .001$), os Medos e Ansiedades ($r = .33, p < .001$) e o Stress Total ($r = .79, p < .001$) se correlacionaram positiva e significativamente com a instabilidade na adoção. Desta forma, quanto maiores os Stressores parentais, a falta de controlo, os medos e ansiedades e o stress total, maior a instabilidade na adoção. Já a Satisfação Parental e a instabilidade apresentaram uma correlação negativa e significativa ($r = -.65, p < .001$), ou seja, quanto menor a satisfação parental, maior a instabilidade na adoção.

Relativamente às correlações entre os motivos para adotar e a instabilidade, verificou-se que “Eu queria um filho para me fazer companhia” se correlacionou positiva e significativamente com a instabilidade em pós-adoção ($r_s = .20, p = .041$), isto é, quanto mais presente este motivo, maior a instabilidade da adoção. Do mesmo modo, o motivo “Eu queria uma criança a quem deixar os bens da família” e a instabilidade apresentaram uma correlação positiva e significativa ($r = .21, p = .029$), indicando que quanto mais presente este motivo, maior a instabilidade.

Teste de Mediações e Moderações

Com base nas correlações obtidas, foram explorados modelos de mediação e moderação, destacando-se três modelos de moderação significativos. Os modelos de mediação obtidos não foram significativos. Nos modelos descritos abaixo, verificou-se o efeito moderador da satisfação parental na relação entre diferentes motivos e a instabilidade pós-adoção. Note-se que foram explorados modelos de mediação e moderação com todos os motivos como variável dependente, sendo apenas aqui reportados os que se revelaram estatisticamente significativos e com significância prática. Relativamente à variável moderadora, apenas a medida positiva da escala do stress – a satisfação parental –, se revelou uma moderadora significativa.

A interação entre “Eu conhecia/tinha uma ligação emocional a uma criança, que estava em acolhimento, e quis ajudá-la” e a satisfação parental revelou-se estatisticamente significativa, $B = -0.18$, $t(108) = -2.28$, $p = .025$, num modelo preditivo que explica 45% da variância observada na instabilidade (VD), $F(3, 103) = 28.16$, $p < .001$, $R^2 = .45$. Através da análise dos efeitos condicionais verificou-se que, quando os níveis de satisfação parental são muito baixos ($M - 1DP$), existe uma relação positiva, estatisticamente significativa (declive maior), entre este motivo e a instabilidade ($B = 0.22$, $t(108) = 2.11$, $p = .037$, IC a 95% [0.01, 0.43]), ou seja, quanto mais presente este motivo maior a instabilidade. Quando os níveis de satisfação são médios ($B = 0.08$, $t(108) = 1.02$, *ns*) ou acima da média ($M + 1DP$; $B = -0.04$, $t(108) = -0.41$, *ns*), a relação entre este motivo e a instabilidade não é significativa.

A interação entre “Adotar uma criança corresponde às minhas crenças religiosas” e a satisfação parental revelou-se estatisticamente significativa, $B = -0.16$, $t(108) = -2.54$, $p = .012$, num modelo preditivo que explica 46% da variância observada na instabilidade, $F(3, 103)$, $p < .001$, $R^2 = .46$. Verificou-se que, quando os níveis de satisfação parental são muito baixos ($M-1DP$), existe uma relação positiva, estatisticamente significativa (declive maior), entre este motivo e a instabilidade ($B = 0.17$, $t(108) = 2.25$, $p = .027$, IC a 95% [0.02, 0.32]). Contudo, quando os níveis de satisfação são médios (M ; $B = 0.04$, $t(108) = 0.86$, *ns*) ou acima da média ($M + 1DP$; $B = -0.06$, $t(108) = -1.01$, *ns*), a relação entre este motivo e a instabilidade não é significativa.

Finalmente, a interação entre o motivo “Eu tive um(a) filho(a) que morreu” e a satisfação parental também se revelou estatisticamente significativa ($B = -0.22$, $t(108) =$

-2.43, $p = .017$), num modelo preditivo que explica 46% da variância observada na instabilidade, $F(3, 103) = 29.62$, $p < .001$, $R^2 = .46$. A análise dos efeitos condicionais demonstrou que, quando os níveis de satisfação parental são abaixo da média ($M - 1DP$) ou médios (M), a relação entre este motivo e a instabilidade não é estatisticamente significativa ($B = 0.11$, $t(108) = 0.98$, ns ; $B = -0.07$, $t(108) = -0.96$, ns , respectivamente). Contudo, quando os níveis de satisfação parental são acima da média ($M + 1DP$), existe uma relação negativa, estatisticamente significativa entre este motivo e a instabilidade ($B = -0.21$, $t(108) = -2.59$, $p = .011$, IC a 95% [-0.37, -0.05]), ou seja, quando mais presente este motivo, menor a instabilidade.

Discussão

O objetivo global deste estudo remeteu para a exploração da relação entre os motivos para adotar, o stress parental e a instabilidade em pós-adoção, de forma a identificar quais os motivos que podem constituir um fator de proteção (associado a reduzida instabilidade) ou um fator de risco (associado a maior instabilidade) para o projeto adotivo. Esse objetivo foi cumprido e será discutido de seguida.

Relativamente ao primeiro objetivo específico do presente estudo, este pretendia explorar os principais motivos para adotar. De forma consistente com a investigação (e.g., Malm & Welti, 2010; Tyebjee, 2003), os participantes destacaram a vontade de dar um lar/família a uma criança e a inviabilidade de ter filhos biológicos como principais razões para adotar. Neste sentido, este estudo vem corroborar os resultados de Soares et al. (2023), que demonstraram que as motivações por questões biológicas devem discriminar entre razões/diagnósticos distintos (e.g., incapacidade, diagnóstico de infertilidade, risco de saúde) e não aglomerar todos os motivos relacionados com a inviabilidade de um filho biológico numa só categoria. Além disso, nove participantes apontaram mais do que um principal motivo para adotar, enfatizando a complexidade de avaliar esta dimensão, já que a motivação para a adoção pode incluir várias razões/motivos que levam à tomada de decisão da adoção (Soares et al., 2023).

No que diz respeito às experiências pessoais com adoção, como ser adotado ou ter experiências de maus-tratos/negligência, estas assumiram pouca ênfase no estudo, não sendo muito referidas pelas figuras parentais, ao contrário do que se verifica na investigação anterior (e.g., Malm & Welti, 2010; Sorek et al., 2020). O desejo de ajudar o casamento e conhecer/ter ligação emocional com criança também constituíram motivos

pouco reportados pelos participantes. Pelo contrário, os motivos de natureza altruísta foram muito frequentes, tal como se verificou em estudos anteriores (e.g. Tyebjee, 2003). De facto, observou-se uma elevada variabilidade nos motivos reportados. Tendo em conta a abordagem quantitativa do presente estudo, estes dados podem constituir uma mais-valia, reforçando a informação da investigação anterior.

Ao nível do segundo objetivo específico, este pretendia analisar a intensidade da motivação para adotar do próprio respondente, verificando-se que as figuras parentais estavam fortemente motivadas para o projeto adotivo. Este aspeto poderá constituir um fator de proteção, desde que a intensidade elevada se reflita em elevado envolvimento, bem-estar e estabilidade na família. Esta intensidade apresentou correlações altas e significativas com os motivos querer dar amor e querer ser amado por uma criança. Em contrapartida, no caso de ser solteiro, desejo de companhia e adotar por concordar com o companheiro as correlações estabelecidas são negativas e significativas, sugerindo menor intensidade da motivação. Relativamente à perceção da intensidade da motivação do cônjuge, no caso das famílias biparentais, esta também foi alta, ainda que ligeiramente inferior. Estes resultados vêm enfatizar os dados da literatura (e.g., Soares et al., 2023), que apontam para a importância de os profissionais de adoção avaliarem a motivação individual e conjunta dos dois elementos do casal, de forma a evitar um possível desajuste da mesma. Note-se que o desajuste na motivação pode corresponder a um desequilíbrio no envolvimento no projeto adotivo, levando à sobrecarga de um dos elementos ou a conflitos na dinâmica familiar e conjugal. Assim sendo, pode surgir como fator de risco para a estabilidade da adoção. Será importante, em futuros estudos, garantir a oportunidade de avaliar a perspetiva de ambos os elementos acerca da motivação e do envolvimento no projeto adotivo.

No entanto, neste estudo, a intensidade da motivação do respondente (e do cônjuge) não se relacionou significativamente com nenhuma das variáveis do stress parental, nem com a instabilidade na adoção. A ausência destas relações pode dever-se a um problema da medida. Uma limitação do presente estudo prende-se com a avaliação desta intensidade, de forma retrospectiva. Ainda que seja pedido aos respondentes que avaliem quanto “estavam” (à data da adoção) motivados para adotar, esta avaliação é agora influenciada por toda a vivência do processo desde o momento da tomada de decisão até à atualidade.

O terceiro objetivo específico do estudo remetia para a análise das relações entre os diferentes motivos para adotar. De forma consistente com a investigação, verificou-se

a existência de correlações significativas entre a inviabilidade biológica e o diagnóstico de infertilidade e entre o desejo de escolher as características do filho e a tentativa de ajudar o casamento, constituindo motivações de natureza hedonista e centradas nos pais (e.g., Rhodes et al., 2006; Soares et al., 2023).

Em discrepância com estudos anteriores (e.g., Helder et al., 2020; Howell-Mohoney, 2014, Sorek et al., 2020), as motivações religiosas não surgiram significativamente correlacionadas com os motivos de querer dar um lar/família a uma criança ou querer ajudar uma criança com problemas, ambos de cariz altruísta. Assim, tal como reportado na literatura, estes resultados realçam a complexidade e o dinamismo da motivação para adotar (Soares et al., 2023).

No âmbito deste terceiro objetivo também foram exploradas as relações entre os motivos para adotar e algumas variáveis de caracterização dos pais, das crianças/adolescentes e da estrutura familiar, permitindo identificar perfis de famílias para cada motivo para adotar. Além disso, foi possível perceber que os motivos podem constituir um fator de risco ou um fator de proteção, dependendo de diferentes especificidades dessas variáveis. Estes perfis acrescentam informação à literatura já existente na área e podem ser particularmente importantes para a prática em adoção.

Neste sentido, tal como observado em estudos anteriores (e.g., Malm & Welti, 2010), o motivo da infertilidade surgiu associado à adoção de crianças mais novas. Assumindo que algumas destas figuras parentais encaram a adoção como última alternativa para ter filhos (Bell, 2019), a opção por crianças mais novas pode ser explicada pela tentativa de se aproximar ao filho biológico idealizado. No entanto, esta idealização pode suscitar expectativas desajustadas e irrealistas, desencadeando instabilidade na adoção (Palacios, Rolock et al., 2019). Os resultados obtidos neste estudo também evidenciaram que quanto maiores os medos e ansiedades (subescala do stress parental), maior a instabilidade pós-adoção. Por sua vez, a inviabilidade biológica foi mais reportada por pais do que por mães, podendo dever-se ao facto de ainda persistir a construção social da maternidade associada à gravidez e ao parto (Goldberg et al., 2009). Neste seguimento, as mulheres parecem encarar o luto da filiação biológica e a transição para o projeto adotivo com mais dificuldade. Perante estes resultados, é fundamental que os profissionais da adoção, bem como os profissionais de saúde envolvidos nas tentativas de concretização do desejo de ter filhos, explorem, trabalhem e avaliem temáticas como a resolução do luto da filiação biológica e o ajustamento das expectativas parentais, para evitar que a inviabilidade biológica constitua um fator de risco (Soares et al., 2023).

Além disso, em consonância com a investigação anterior, a inviabilidade de um filho biológico, assim como o diagnóstico de infertilidade, o desejo de escolher as características da criança e o desejo de uma família maior foram mais reportados por famílias biparentais (e.g., Malm & Welti, 2010). Já o motivo de querer dar lar/família a uma criança foi mais referido pelas famílias monoparentais, à semelhança do que se observou em evidência empírica anterior (e.g. Malm & Welti, 2010). No presente estudo verifica-se uma discrepância entre os participantes de famílias monoparentais ($n = 22$) e de famílias biparentais ($n = 87$). No entanto, a maior parte das crianças são, de facto, adotadas por casais (e.g., Gondim et al., 2008), portanto os resultados parecem refletir a realidade da adoção.

À semelhança de estudos anteriores (e.g., Díez et al., 2021; Hollingsworth, 2000), os motivos ser solteiro e querer ter um filho, a experiência de falecimento de um filho e a adoção por crenças religiosas foram mais reportados por mães do que por pais. No caso de o motivo ser o falecimento de um filho, a situação deve ser analisada com cautela pelos profissionais da área, já que pode estar associado ao desejo de preencher um vazio e/ou substituir o filho falecido pelo filho adotado (Hollingsworth, 2000). Consequentemente, terá impacto na relação estabelecida entre pais e filhos e na estabilidade da adoção, podendo assumir-se como fator de risco. Este motivo revelou-se significativo nos modelos de moderação obtidos, sendo aprofundado mais à frente.

No que diz respeito ao motivo de querer ajudar uma criança com problemas, este surgiu associado à adoção de crianças mais velhas, tal como referido pela investigação anterior (e.g., Deiner, 1988). Contudo, a combinação destas duas características, idade superior e existência de problemas, pode constituir um desafio acrescido para os pais, com impacto no bem-estar e ajustamento de todos os envolvidos, bem como na estabilidade da própria adoção, podendo este motivo surgir como fator de risco (Palacios, Rolock et al., 2019). Também corroborando os dados da literatura (Frost & Goldberg, 2020), o motivo de querer uma família maior surgiu associado à adoção de mais do que uma criança sem uma ligação prévia. Simultaneamente, ao contrário de estudos anteriores (Frost & Goldberg, 2020), os pais com o mesmo motivo pareceram não revelar tanta abertura para adotar fratrias de irmãos biológicos. Este resultado pode ser justificado pela perceção de que a integração de crianças, sem ligação, será mais fácil para a adaptação e ajustamento na família. Note-se que, à semelhança da adoção de crianças mais velhas, também a integração de uma fratria, pode constituir um fator de risco para a estabilidade do processo (Palacios, Rolock et al., 2019).

Relativamente à intensidade da motivação do próprio respondente, verificou-se que as mães reportaram valores mais elevados, que poderão ser explicados pelo papel predominante da mulher na parentalidade, associado à ideia tradicional de família (Goldberg et al., 2009). Ainda no que diz respeito a esta dimensão, verificou-se que a perceção de intensidade do próprio era superior, quando a criança era mais nova e o tempo de adoção era menor. Este resultado salienta a importância de trabalhar a motivação ao longo de todo o ciclo de vida da família adotiva (Soares et al., 2023), para que a mesma surja como fator de proteção. Trata-se de um resultado com importantes implicações também para a prática em adoção, na medida em que, de facto, as motivações são tema durante o processo de avaliação e seleção, mas deixam de o ser, ainda na fase de pré-adoção, e mais ainda no período de pós-adoção.

Já na perceção da intensidade da motivação do cônjuge, foram os pais que reportaram maior intensidade, isto é, os pais também consideram que as mães estão mais motivadas. Mais uma vez, realça-se a importância de os profissionais da adoção avaliarem a motivação dos dois elementos do casal, assegurando o igual envolvimento de ambos (Soares et al., 2023). Note-se que esta intensidade superior reportada pelas mães pode refletir também o maior envolvimento e participação no presente estudo.

O quarto objetivo do estudo consistia em analisar a relação entre os motivos para adotar, o stress parental e a instabilidade pós-adoção. Por oposição à investigação anterior, o stress parental não revelou estar associado de forma significativa com a infertilidade (e.g., Wang et al., 2021), nem com a adoção por crenças religiosas (Belanger et al., 2008). Curiosamente, no presente estudo, não foram observadas correlações significativas entre os motivos para adotar e o stress parental propriamente dito, sendo que as correlações significativas obtidas remeteram para a medida positiva do stress, isto é, a satisfação parental. Tal resultado pode dever-se ao facto de alguns participantes já terem experiência para lidar com o stress parental e as dificuldades, considerando o tempo médio de adoção (6.6 anos). Além disso, podem ter mais informação e disponibilidade para aceder a serviços de pós-adoção, que poderão atenuar o stress parental. Mais ainda, as figuras parentais que constituem a amostra poderão, efetivamente, ter capacidades e recursos que lhes permitam responder às situações de stress de forma mais adequada e ajustada.

Neste seguimento, foi possível identificar vários motivos que se correlacionaram, de forma negativa e significativa, com a satisfação parental. Os pais mais motivados pelo desejo de dar uma companhia ao filho revelaram menor satisfação parental. Tendo em conta as exigências inerentes à integração de uma segunda criança na família, tanto pela

via adotiva como pela via biológica, que implicam o aumento das responsabilidades parentais e o ajustamento das práticas perante as necessidades de várias crianças distintas (e.g., Frost & Goldberg, 2020), os pais podem ter dificuldades em responder de forma adequada, revelando assim menor satisfação parental. O motivo de concordar com a decisão do companheiro em adotar também surgiu associado a menor satisfação parental, evidenciando, uma vez mais, a importância de avaliar a motivação individual e de casal e de garantir o envolvimento das duas partes no projeto adotivo (Soares et al., 2023). Do mesmo modo, a presença do motivo querer adotar uma criança com problemas indicou menor satisfação parental, justificando-se pelo tempo e recursos exigidos na integração de uma criança com estas características (Rhodes et al., 2006), bem como pelas dificuldades e desafios que pode acarretar. Já o motivo de querer ser amado por uma criança surgiu associado a maior satisfação parental. Este resultado pode compreender-se pelo facto de os pais se sentirem amados/correspondidos e, por isso, estarem mais satisfeitos. Porém, em momentos de maior desafio e dificuldade, que surgirão ao longo do pós-adoção, a percepção de ser amado e correspondido pela criança/adolescente pode ser posta em causa, levando a uma diminuição da satisfação parental e tendo impacto na relação entre pais e filhos e na estabilidade do processo.

Relativamente à subescala Medos e Ansiedades, inserida na escala de stress parental utilizada no estudo, esta revela uma consistência interna baixa, constituindo outra das limitações do presente estudo. Não obstante, a presença de motivos de cariz altruísta, como querer dar amor a uma criança e querer dar família/lar a uma criança, demonstrou estar associados a mais medos e ansiedades. Os pais com estes motivos podem criar expectativas desajustadas, que geram ansiedade, e podem esperar manifestações de gratidão por parte dos filhos (e.g., Sampaio et al., 2020), o que permite justificar os resultados obtidos. Ao mesmo tempo, o motivo de querer dar família/lar a uma criança também surgiu mais associado à adoção de crianças mais velhas, que, tal como anteriormente referido, pode constituir um desafio para as famílias adotivas, desencadeando medos e maior ansiedade e justificando este resultado.

Note-se que, estes resultados que relacionam os motivos para adotar e o stress parental, destacando-se a relação estabelecida com a satisfação parental, constituem novos dados para a investigação na área da adoção e, tendo em conta o seu impacto no funcionamento das famílias adotivas, constituem uma dimensão a explorar e aprofundar em estudos futuros.

Tendo em conta as correlações altas e estatisticamente significativas estabelecidas entre o stress e a instabilidade, este estudo demonstrou que o stress parental constitui, de facto, um indicador de instabilidade na adoção (e.g., McGlone et al., 2002), demonstrando a relevância da temática analisada no presente estudo.

Paralelamente, foram identificados motivos para adotar, cuja presença parece estar associada a maior instabilidade no pós-adoção, nomeadamente o desejo de ter companhia e o desejo de ter alguém para deixar os bens da família. Estes motivos podem ser caracterizados como motivações hedonistas ou centradas nos interesses/necessidades dos pais (e.g., Costa & Tasker, 2018; Soares et al., 2023) e poderão constituir um fator de risco para a adoção, resultado consistente com a investigação (Palacios, Rolock et al., 2019). Curiosamente, verificou-se que os motivos associados a maior instabilidade não são os mesmos que surgiram associados a menor satisfação parental (dimensão do stress parental), reforçando a ideia de que a satisfação e a instabilidade não resultam de um fator único, mas do efeito conjunto de vários fatores associados à criança, aos pais e à família (Palacios, Rolock et al., 2019). No âmbito do quinto objetivo, foram explorados os efeitos de mediação ou moderação das relações entre estas variáveis.

No que diz respeito aos resultados das moderações, destaca-se o efeito moderador da satisfação parental na relação entre os motivos para adotar e a instabilidade na adoção. Os modelos de moderação que se mostraram significativos revelaram que, perante níveis mais baixos de satisfação parental, motivos como conhecer/ter ligação emocional com criança e adotar por crenças religiosas, anteriormente considerados fatores protetores (e.g., Helder et al., 2020), apresentam um risco de instabilidade no pós-adoção. Já o motivo de ter um filho que morreu revelou ter um efeito (negativo) na instabilidade em situações de elevada satisfação parental. Isto é, se os pais estiverem muito satisfeitos, a presença deste motivo pode constituir um fator de proteção, amortecendo a instabilidade. No entanto, este efeito “protetor” deve ser analisado com cautela, uma vez que pode camuflar a opção pela adoção como forma de preenchimento de um vazio, adiando a resolução do luto, cujos efeitos negativos podem surgir em situações de menor satisfação ou podem não ser visíveis na figura parental (que se encontra altamente satisfeita) mas sim na criança/adolescente.

Desta forma, os resultados obtidos no que concerne ao último objetivo do estudo trazem nova evidência para a investigação sobre esta temática, respondendo à lacuna inicialmente identificada. Os resultados mostram que os níveis de satisfação parental influenciam a relação estabelecida entre os motivos para adotar e a instabilidade em pós-

adoção, reforçando se estes constituem um fator de risco ou um fator de proteção e, consequentemente, tendo impacto no bem-estar e ajustamento das famílias adotivas. De certa forma, a satisfação parental acaba por se assumir como uma ferramenta importante na manutenção da própria motivação, que deve ser promovida ao longo de todo o ciclo de vida da família adotiva (Soares et al., 2023). Neste seguimento, aspetos como a existência de uma rede de apoio, a abertura para pedir ajudar (e.g., Palacios, Rolock et al, 2019) e a capacidade individual de adaptação e resiliência constituem algumas das peças essenciais para assegurar a satisfação parental ao longo deste processo, devendo ser considerados não só no processo de seleção e preparação de candidatos, mas também no período de pós-adoção, antecipando e promovendo os apoios e recursos necessários.

Conclusão

O presente estudo pretendeu responder à lacuna identificada na literatura, no que diz respeito à análise do impacto das motivações/motivos para adotar no bem-estar e ajustamento das famílias adotivas, estudando a relação entre esses motivos e o stress parental e a instabilidade no período pós-adoção. Desta forma, como principais conclusões do estudo destacam-se: (a) O desejo de proporcionar uma família e a uma criança e a incapacidade para ter filhos biológicos são apontados como principais motivos para adotar; (b) os pais adotivos encontravam-se fortemente motivados para o projeto adotivo, mas a motivação tem de ser trabalhada ao longo de todo o ciclo de vida da família adotiva; (c) há motivos que estão associadas a maior stress parental (menor satisfação parental), como querer que o filho tenha companhia, querer adotar uma criança com problemas e concordar com a decisão do companheiro em adotar, e a maior instabilidade, nomeadamente o desejo de ter companhia e a vontade de passar os bens de família, podendo constituir fatores de risco. No entanto, a natureza de risco ou de proteção dos motivos para adotar não é estanque, sendo influenciada por diversas variáveis, como idade da criança e dos pais, tempo de adoção, sexo dos pais, tipo de família ou tipo de fratria; (d) a satisfação parental assume um papel fundamental na manutenção da motivação para adotar, na estabilidade-instabilidade da adoção e na relação entre ambas.

Este estudo reforça a importância do papel das motivações no processo de adoção e no ajustamento das famílias adotivas, tendo implicações para a prática. Ao identificar fatores de risco e fatores de proteção, pretende-se auxiliar os profissionais da adoção no

âmbito da avaliação, preparação e seleção de candidatos, para identificar os candidatos que poderão dar a resposta mais estável, reparadora e positiva à criança, com um passado de trauma e adversidade, e para evitar ou antecipar situações de instabilidade. Simultaneamente, ao identificar as necessidades e dificuldades das famílias adotivas, pretende-se reforçar o serviço de apoio em pós-adoção em Portugal, que deve ser acessível e especializado, de forma a promover a satisfação parental, a manutenção da motivação e a estabilidade da adoção.

Referências

- Algarvio, S., Leal, I., & Maroco, J. (2018). Parental Stress Scale: Validation study with a Portuguese population of parents of children from 3 to 10 years old. *Journal of Child Health Care*, 22(4), 563-576. <https://doi.org/10.1177/1367493518764337>
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2021a). *Escala de Stress Parental*. (Instrumento não publicado).
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2021b). *Questionário de Tensão do Adotante*. (Instrumento não publicado).
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2021c). *Questionário sobre Experiências e Contextos do Passado da Criança* (Instrumento não publicado).
- Belanger, K., Copeland, S., & Cheung, M. (2008). The role of faith in adoption: Achieving positive adoption outcomes for African American children. *Child Welfare*, 87(2), 99–123.
https://www.researchgate.net/publication/23440536_The_Role_of_Faith_in_Adoption_Achieving_Positive_Adoption_Outcomes_for_African_American_Children
- Bell, A. V. (2019). “Trying to have your own first; It’s what you do”: The relationship between adoption and medicalized infertility. *Qualitative Sociology*, 42(3), 479–498. <https://doi.org/10.1007/s11133-019-09421-3>
- Berry, J., & Jones, W. H. (1995). The parental stress scale: Initial psychometric evidence. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(3), 463-472. <https://doi.org/10.1177/0265407595123009>
- Biasutti, C. M., & Nascimento, C. R. R. (2021). The adoption process in single-parent families. *Journal of Human Growth and Development*, 31(1), 47-57. <https://doi.org/10.36311/jhgd.v31.10364>
- Brodzinsky, D., Gunnar, M., & Palacios, J. (2022). Adoption and trauma: Risks, recovery, and the lived experience of adoption. *Child Abuse and Neglect*, 130(Part 2), 1-13. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105309>
- Costa, I., Barbosa-Ducharne, M., Palacios, J., & Soares, J. (2020). Predictors of parenting stress in Portuguese adolescents’ adoptive parents. *Child & Family Social Work*, 25(Suppl 1), 178–187. <https://doi.org/10.1111/cfs.12756>
- Costa, P. A., & Tasker, F. (2018). “We wanted a forever family”: Altruistic, individualistic, and motivated reasoning motivations for adoption among LGBTQ individuals. *Journal of Family Issues*, 39(17), 4156–4178. <https://doi.org/10.1177/0192513X18810948>

- Deiner, P. L., Wilson, N. J., & Unger, D. G. (1988). Motivation and characteristics of families who adopt children with special needs: An empirical study. *Topics in Early Childhood Special Education*, 8(2), 15-29. <https://doi.org/10.1177/027112148800800203>
- Díez, M., González, M., & Morgado, B. (2021). Single mothers by choice in Spain: Parenting and psychosocial adjustment in adopted and ART children. *Journal of Family Psychology*, 35(6), 767-779. <https://doi.org/10.1037/fam0000680>
- Feast, J. (2010). Infertility and adoption: The search for birth parents and the impact on adult family relationships. In M. Crawshaw & R. Balen (Eds.), *Adopting after infertility: Messages from practice, research and personal experience* (pp. 180–193). Jessica Kingsley Publishers.
- Firmin, M. W., Pugh, K. C., Markham, R. L., Sohn, V. A., & Gentry, E. N. (2017). Perspectives regarding motivations for adoption by Christian adoptive parents: A qualitative study. *Journal of Psychology and Theology*, 45(1), 58-68. <https://doi.org/10.1177/009164711704500105>
- Foli, K. J., Hebdon, M., Lim, E., & South, S. C. (2017). Transitions of adoptive parents: A longitudinal mixed methods analysis. *Archives of Psychiatric Nursing*, 31(5), 483–492. <https://doi.org/10.1016/j.apnu.2017.06.007>
- Frost, R. L., & Goldberg, A. E. (2020). Adopting again: A qualitative study of the second transition to parenthood in adoptive families. *Adoption Quarterly*, 23(2), 85–109. <https://doi.org/10.1080/10926755.2019.1627450>
- Goldberg, A. E., Downing, J. B., & Richardson, H. B. (2009). The transition from infertility to adoption: Perceptions of lesbian and heterosexual couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(6-7), 938-963. <https://doi.org/10.1177/0265407509345652>
- Gondim, A. K., Crispim, C. S., Fernandes, F. H. T., Rosendo, J. C., Brito, T. M. C. D., Oliveira, U. B. D., & Nakano, T. D. C. (2008). Motivação dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia*, 58(129), 161-170. https://www.researchgate.net/publication/317467398_Motivacao_dos_pais_para_a_pratica_da_adocao
- Goss, D. (2022). The complexities of mixed families: Transracial adoption as a humanitarian project. *Genealogy*, 6(2), 1-13. <https://doi.org/10.3390/genealogy6020033>
- Hayes, A. F. (2013). *An introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. Guilford Press.

- Helder, E. J., Gunnoe, M. L., & Timmermans, H. (2020). Religious motivation to adopt as a predictor of adoptive family structure, parental discipline, and outcomes. *Adoption Quarterly*, 23(3), 163–186. <https://doi.org/10.1080/10926755.2020.1790451>
- Hendry, A., & Netherwood, P. (2010). A child at last: Adoption after fertility problems. In M. Crawshaw & R. Balen (Eds.), *Adopting after fertility problems: Messages from practice, research, and personal experience* (pp. 151–163). Jessica Kingsley Publishers.
- Henrique, B. (2022). *Adoptee- and Adopter-related Predictors of Adoption (In)Stability*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/145365/2/591267.pdf>
- Hokshergen, R. A. C. (1998). Changes in motivation for adoption, value orientations and behavior in three generations of adoptive parents. *Adoption Quarterly*, 2(2), 37–55. https://doi.org/10.1300/J145v02n02_03
- Hollingsworth, L. D. (2000). Who seeks to adopt a child? Findings from the National Survey of Family Growth (1995). *Adoption Quarterly*, 3(3), 1–24. https://doi.org/10.1300/J145v03n03_01
- Howell-Moroney, M. (2014). The empirical ties between religious motivation and altruism in foster parents: Implications for faith-based initiatives in foster care and adoption. *Religions*, 5(3), 720–737. <https://doi.org/10.3390/rel5030720>
- Instituto de Segurança Social, Instituto Público. (2022). *CASA 2021 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Instituto da Segurança Social, Instituto Público. https://www.seg-social.pt/documents/10152/13200/Relat%C3%B3rio+CASA_2021/d6eafa7c-5fc7-43fc-bf1d-4afb79ea8f30
- Jennings, S., Mellish, L., Tasker, F., Lamb, M., & Golombok, S. (2014). Why adoption? Gay, lesbian, and heterosexual adoptive parents’ reproductive experiences and reasons for adoption. *Adoption Quarterly*, 17(3), 205–226. <https://doi.org/10.1080/10926755.2014.891549>
- Khanna, N., & Killian, C. (2015). “We didn’t even think about adopting domestically”. The role of race and other factors in shaping parents’ decisions to adopt abroad. *Sociological Perspectives*, 58(4), 570–594. <https://doi.org/10.1177/0731121415572688>

- Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling*. The Guilford Press.
- Le Prohn, N.S. (1993). *Relative foster parents: Role perceptions, motivation and agency satisfaction*. (Unpublished doctoral dissertation). University of Washington.
- Luyt, J., & Swartz, L. (2023). Motivations to adopt transracially in South Africa. *Adoption Quarterly*. <https://doi.org/10.1080/10926755.2023.2180788>
- Mahoney, A., Pargament, K. I., Murray-Swank, A., & Murray-Swank, N. (2003). Religion and the sanctification of family relationships. *Review of Religious Research*, 44(3), 220-236. <https://doi.org/10.2307/3512384>
- Malm, K., & Welte, K. (2010). Exploring motivations to adopt. *Adoption Quarterly*, 13(3-4), 185-208. <https://doi.org/10.1080/10926755.2010.524872>
- McGlone, K., Santos, L., Kazama, L., Fong, R., & Mueller, C. (2002). Psychological stress in adoptive parents of special-needs children. *Child Welfare*, 81(2), 151–171. <https://www.jstor.org/stable/45390055>
- Mixão, M. L., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Escala de stress parental. In I. Leal & J. Maroco (Eds). *Avaliação em sexualidade e parentalidade* (pp. 187-206). LivPsic.
- Palacios, J., Adroher, S., Brodzinsky, D. M., Grotevant, H. D., Johnson, D. E., Juffer, F., Martínez-Mora, L., Muhamedrahimov, R. J., Selwyn, J., Simmonds, J., & Tarren-Sweeney, M. (2019). Adoption in the service of child protection: An international interdisciplinary perspective. *Psychology, Public Policy, and Law*, 25(2), 57–72. <https://doi.org/10.1037/law0000192>
- Palacios, J., Rolock, N., Selwyn, J., & Barbosa-Ducharme, M. (2019). Adoption breakdown: Concept, research, and implications. *Research on Social Work Practice*, 29(2), 130–142. <https://doi.org/10.1177/1049731518783852>
- Palacios, J. & Sánchez-Sandoval, Y. (2006). Stress in parents of adopted children. *International Journal of Behavioral Development*, 30(6), 481–487. <https://doi.org/10.1177/0165025406071492>
- Pinderhughes, E. E., & Brodzinsky, D. M. (2019). Parenting in adoptive families. In M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of parenting* (3rd ed., Vol. 1, pp. 322–367). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429440847-10>
- Projeto Adopt. (2021). *Questionário Sociodemográfico*. (Instrumento não publicado).
- Rhodes, K., Cox, E., Orme, J., & Coakley, T. (2006). Foster parents' reason for fostering and foster family utilization. *Journal of Sociology and Social Welfare*, 33(4), 105–126. <https://doi.org/10.15453/0191-5096.3206>.

- Sampaio, D. S., Magalhães, A. S., & Machado, R. N. (2020). Motivações para adoção tardia: Entre o filho imaginado e a realidade. *Psicologia Em Estudo*, 25, 1-15. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44926>
- Santos-Nunes, M., Narciso, I., Vieira-Santos, S., & Roberto, M. S. (2018). Adoptive versus mixed families: Child adjustment, parenting stress and family environment. *Journal of Child & Family Studies*, 27(6), 1858–1869. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1019-2>
- Schmidt, L. (2010). The impact of infertility and treatment on individuals and couples. In M. Crawshaw & R. Balen (Eds.), *Adopting after infertility: Messages from practice, research and personal experience* (pp. 15–28). Jessica Kingsley Publishers.
- Soares, J., & Barbosa-Ducharne, M. (2021). *Questionário de Compromisso do Adotante*. (Instrumento não publicado).
- Soares, J., Henrique, B., & Barbosa-Ducharne, M. (2021). *Checklist de Motivos para Adotar*. (Instrumento não publicado).
- Soares, J., Ralha, S., Barbosa-Ducharne, M., & Palacios, J. (2019). Adoption-related gains, losses and difficulties: The adopted child's perspective. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 36(1), 259-268. <https://doi.org/10.1007/s10560-018-0582-0>
- Soares, J., Ralha, S., Fonseca, S. M., Prego, J., & Barbosa-Ducharne, M. (2023). Why and how do parents decide to adopt? A study on motivations and the decision-making process in becoming an adoptive family. *Child and Family Social Work*. <https://doi.org/10.1111/cfs.13001>
- Sorek, Y., Simon, B. B., & Nijim-Ektelat, F. (2020). Motivation matters: Parents' path to adoption as related to their perceptions of open adoption. *Children and Youth Services Review*, 118, 105430. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105430>
- Tyebjee, T. (2003). Attitude, interest, and motivation for adoption and foster care. *Child Welfare*, 82(6), 685–706. [https://www.researchgate.net/publication/8909217 Attitude interest and motivation for adoption and foster care](https://www.researchgate.net/publication/8909217_Attitude_interest_and_motivation_for_adoption_and_foster_care)
- Wang, J., Natsuaki, M. N., Neiderhiser, J. M., Shaw, D. S., Ganiban, J. M., Reiss, D., & Leve, L. D. (2021). Fertility problems and parenting daily hassles in childhood: A 7-year longitudinal study of adoptive parents. *Adoption Quarterly*, 24(3), 177– 206. <https://doi.org/10.1080/10926755.2020.1837315>

Zhang, Y., & Lee, G. R. (2011). Intercountry versus transracial adoption: Analysis of adoptive parents' motivations and preferences in adoption. *Journal of Family Issues*, 32(1), 75–98. <https://doi.org/10.1177/0192513X10375410>

Tabela 1

Matriz de Correlações e Descritivas dos Motivos para Adotar

Item	1.	2.	3.	4. ^a	5. ^a	6. ^a	7. ^a	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16. ^a	17. ^a	18. ^a	19.	20.	21.	22.	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Range</i>
1.	-																						3.35	1.78	1-5
2.	.67***	-																					2.50	1.68	1-5
3.	.02	-.15	-																				1.57	1.24	1-5
4. ^a	-.55***	-.38***	-.15	-																			1.72	1.47	1-5
5. ^a	-.25*	-.19*	.09	.35***	-																		1.14	0.50	1-4
6. ^a	-.12	-.01	.17	.18	.56***	-																	1.06	0.33	1-3
7. ^a	-.16	-.01	.08	.28**	.40***	.55***	-																1.19	0.69	1-4
8.	-.29**	-.14	.15	.21*	.18	.19	.32***	-															1.62	1.28	1-5
9.	.09	.18	-.03	-.28**	.04	-.03	.06	.29**	-														2.90	1.69	1-5
10.	.01	.14	-.22*	.11	.05	-.07	.05	.10	.26**	-													4.73	0.75	1-5
11.	.03	.08	.09	.04	.11	.05	.10	.15	.19*	.28**	-												3.40	1.52	1-5
12.	-.12	-.05	-.20*	.17	.10	.10	.18	.14	.11	.51***	.22*	-											4.53	0.96	1-5
13.	.06	.12	.04	-.00	.15	.34***	.14	-.02	.09	.05	.02	.10	-										1.21	0.73	1-4
14.	-.25**	-.16	-.13	.21*	.15	.09	.20*	.36***	.19	.07	.03	.31***	.01	-									2.53	1.58	1-5
15.	-.11	-.13	.23*	.16	.38***	.38***	.21*	.24*	.20*	.05	.18	.11	-.01	.26**	-								1.37	0.82	1-4
16. ^a	-.12	-.05	.13	.23*	.20*	.41***	.19*	.26**	-.00	.02	.02	.07	.18	.29**	.35***	-							1.17	0.67	1-5
17. ^a	-.06	.05	.24*	.25**	.47***	.81***	.46***	.26**	-.01	.06	-.02	.08	.43***	.09	.29**	.51***	-						1.04	0.27	1-3
18 ^a	.03	.18	.20*	.10	.27**	.51***	.26**	.11	-.15	-.02	-.06	.02	.24*	.10	.25*	.48***	.64***	-					1.07	0.35	1-3
19.	.02	.09	-.07	.04	.25**	.32***	.08	.08	.11	.13	.24*	.16	.30**	.09	.21*	.27**	.27**	.20*	-				1.52	1.06	1-5
20.	.23*	.08	.05	-.26**	.12	.23*	.06	-.13	.03	-.08	-.07	-.08	.13	.08	.03	.09	.15	.09	.23*	-			1.89	1.41	1-5
21.	.10	.05	-.23*	.02	-.07	-.06	-.22*	-.00	.20*	.21*	.07	.08	.08	-.03	.04	-.03	.07	.01	.02	-.47***	-		9.52	1.27	2-10
22.	.20	-.01	.10	-.08	.16	.11	-.11	.02	.09	.06	-.16	-.03	-.12	.09	.16	-.04	.08	-.18	-.01	.26*	-.05	-	9.20	1.34	5-10

Nota. 1 - Eu, e/ou o meu/minha companheiro(a), não conseguia(mos) ter filhos biológicos; 2 - Eu e/ou o meu/minha companheiro(a) tinha(mos) um diagnóstico de infertilidade; 3 - Existiam problemas de saúde física que constituíam risco à filiação biológica (risco genético para o bebê ou risco para a saúde da mãe); 4 - Era solteira(o) e queria ter um filho; 5 - Porque através da adoção eu achei que podia escolher as características do meu filho (por exemplo, idade, sexo); 6 - Eu achei que um filho podia ajudar o meu casamento; 7 - Eu queria um filho para me fazer companhia; 8 - Eu queria que o meu/minha filho(a) tivesse uma companhia; 9 - Eu queria uma família maior; 10 - Eu queria dar amor a uma criança; 11 - Eu queria ser amado(a) por uma criança; 12 - Eu queria dar uma família e um lar a uma criança; 13 - Eu tive um(a) filho(a) que morreu; 14 - Eu queria ajudar uma criança com problemas; 15 - Eu queria uma criança a quem deixar os bens da família; 16 - Eu conhecia/tinha uma ligação emocional a uma criança, que estava em acolhimento, e quis ajudá-la; 17 - Eu também fui adotada(o); 18 - Eu fui uma criança maltratada e/ou negligenciada; 19 - Adotar uma criança corresponde às minhas crenças religiosas; 20 - O(a) meu/minha companheiro(a) queria adotar e eu concordei; 21 - De 1 a 10 quanto motivada(o) estava para adotar?; 22 - De 1 a 10 quanto motivada(o) estava o seu cônjuge para adotar?

^aUtilização de testes não paramétricos, correlações de *Spearman*.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$.

Tabela 2*Correlações entre Motivos e Variáveis de Caracterização da Criança e dos Pais*

Variável	Idade da criança	Idade da criança adoção	Tempo de adoção	Idade pais	Idade pais adoção
1. Eu, e/ou o meu/minha companheiro(a), não conseguia(mos) ter filhos biológicos.	-.04	-.18	.11	.01	-.07
2. Eu e/ou o meu/minha companheiro(a) tinha(mos) um diagnóstico de infertilidade.	-.06	-.28**	.19*	-.14	-.28**
3. Existiam problemas de saúde física que constituíam risco à filiação biológica (risco genético para o bebê ou risco para a saúde da mãe).	.05	-.06	.12	-.07	-.15
4. Era solteira(o) e queria ter um filho. ^a	.07	.19	-.12	.10	.14
5. Porque através da adoção eu achei que podia escolher as características do meu filho (por exemplo, idade, sexo). ^a	.11	.16	-.03	.20*	.18
6. Eu achei que um filho podia ajudar o meu casamento. ^a	.08	.07	.05	.13	.08
7. Eu queria um filho para me fazer companhia. ^a	.10	.07	.07	.08	-.01
8. Eu queria que o meu/minha filho(a) tivesse uma companhia.	.01	.08	-.07	-.01	.04
9. Eu queria uma família maior.	-.01	-.11	.09	-.01	-.07
10. Eu queria dar amor a uma criança.	-.10	.00	-.13	-.03	.07
11. Eu queria ser amado(a) por uma criança.	-.10	-.12	-.02	-.10	-.09
12. Eu queria dar uma família e um lar a uma criança.	-.10	.13	-.26**	-.09	.09
13. Eu tive um(a) filho(a) que morreu.	-.05	-.01	-.06	-.04	.01
14. Eu queria ajudar uma criança com problemas.	.14	.21*	-.01	.11	.12
15. Eu queria uma criança a quem deixar os bens da família.	.12	.14	.02	.03	.01
16. Eu conhecia/tinha uma ligação emocional a uma criança, que estava em acolhimento, e quis ajudá-la. ^a	.13	.09	.14	.16	.04
17. Eu também fui adotada(o). ^a	.01	-.02	.05	.06	.01
18. Eu fui uma criança maltratada e/ou negligenciada. ^a	.09	.08	.10	-.01	-.06
19. Adotar uma criança corresponde às minhas crenças religiosas.	-.06	-.02	-.06	.05	.10
20. O(a) meu/minha companheiro(a) queria adotar e eu concordei.	.02	.03	.01	.23*	.22*
21. De 1 a 10 quanto motivada(o) estava para adotar?	-.22*	-.11	-.19*	-.11	.032
22. De 1 a 10 quanto motivada(o) estava o seu cônjuge para adotar?	.26*	.14	.21	.27*	.12

Nota. ^aUtilização de testes não paramétricos, correlações de *Spearman*.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Tabela 3*Correlações entre Motivos para Adotar, Stress Parental e Instabilidade Pós-Adoção*

Variável	Stressores Parentais	Satisfação Parental	Falta de Controlo	Medos e Ansiedades	Stress Total	Instabilidade pós-adoção
1. Eu, e/ou o meu/minha companheiro(a), não conseguia(mos) ter filhos biológicos.	-.10	-.00	-.06	.02	-.05	-.07
2. Eu e/ou o meu/minha companheiro(a) tinha(mos) um diagnóstico de infertilidade.	-.11	.19	-.12	-.01	-.16	-.16
3. Existiam problemas de saúde física que constituíam risco à filiação biológica (risco genético para o bebé ou risco para a saúde da mãe).	.05	-.10	.09	-.12	.05	.17
4. Era solteira(o) e queria ter um filho. ^a	.10	-.05	.10	.07	.10	.09
5. Porque através da adoção eu achei que podia escolher as características do meu filho (por exemplo, idade, sexo). ^a	.01	-.01	.07	-.02	-.01	.01
6. Eu achei que um filho podia ajudar o meu casamento. ^a	.06	-.05	.04	-.02	.01	.04
7. Eu queria um filho para me fazer companhia. ^a	.03	-.16	.16	-.06	.11	.20*
8. Eu queria que o meu/minha filho(a) tivesse uma companhia.	.06	-.20*	.12	.07	.16	.17
9. Eu queria uma família maior.	-.04	.11	-.11	.04	-.08	-.05
10. Eu queria dar amor a uma criança.	.00	.03	-.09	.20*	.01	.01
11. Eu queria ser amado(a) por uma criança.	.13	.20*	-.02	.04	-.05	.01
12. Eu queria dar uma família e um lar a uma criança.	.14	-.06	.05	.28**	.15	.08
13. Eu tive um(a) filho(a) que morreu.	-.08	.05	-.04	.03	-.05	-.14
14. Eu queria ajudar uma criança com problemas.	.06	-.23*	.07	.09	.16	.14
15. Eu queria uma criança a quem deixar os bens da família.	.09	-.15	.05	-.05	.10	.21*
16. Eu conhecia/tinha uma ligação emocional a uma criança, que estava em acolhimento, e quis ajudá-la. ^a	-.03	-.02	-.02	-.04	.02	.08
17. Eu também fui adotada(o). ^a	.01	-.04	.05	.04	.01	.03
18. Eu fui uma criança maltratada e/ou negligenciada. ^a	.10	-.10	.09	-.02	.08	.15
19. Adotar uma criança corresponde às minhas crenças religiosas.	-.01	.09	-.06	.03	-.04	-.03
20. O(a) meu/minha companheiro(a) queria adotar e eu concordei.	-.15	-.19*	.04	-.11	-.01	-.04
21. De 1 a 10 quanto motivada(o) estava para adotar?	-.01	.19	-.15	.03	-.10	-.14
22. De 1 a 10 quanto motivada(o) estava o seu cônjuge para adotar?	-.03	-.13	-.14	-.02	-.00	.02

Nota. ^aUtilização de testes não paramétricos, correlações de *Spearman*.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$